

ONG denuncia estupro de presidiárias americanas

José M. Calvo

El País

Washington — "Fiquei assustada: havia algo de errado e não quis olhar. Tirou a cobertura e rasgou minha camisola. Então me estuprou. O outro funcionário disse para ele ficar tranqüilo e se foi. Eu gritava e chorava. Do outro lado do corredor, Martha batia na janela. Enquanto ele ainda estava na jaula, fui tomar banho. Me sentia suja."

É assim que Uma M. narra a primeira vez em que foi estuprada numa prisão da Califórnia. Segundo pesquisa realizada em 11 presídios pela Human Rights Watch, os agentes das instituições penais norte-americanas "abusam sexualmente das detentas com impunidade quase total".

Após dois anos e meio colhendo centenas de depoimentos de presas, carcereiros, advogados e diretores de presídio, a organização não-governamental (ONG) de defesa dos direitos humanos concluiu que as mulheres "não têm como escapar do cerco ao qual são submetidas" e que, apesar das denúncias, os responsáveis pelos abusos "continuam agindo porque confiam na impunidade".

O estudo desolador afirma ainda que "poucas pessoas fora dos muros das prisões sabem o que ocorre e menos ainda como resolver o problema".

VISTA GROSSA

Segundo Dorothy Thomas, uma das autoras do estudo, "a situação é intolerável: os carcereiros abusam sexualmente das detentas e as autoridades estaduais e federais fazem vista grossa". O quadro é agravado pelo aumento no número de detentas no país, que subiu em quase 400% desde 1980.

Mais da metade (52%) das presas são negras, contra apenas 14% das mulheres norte-americanas em geral. Paradoxalmente, a lei dos EUA proíbe a discriminação de sexo no emprego, o que faz com que a maioria dos guardas das 170 penitenciárias femininas do país sejam homens.

As presas sofrem estupro vaginal, anal e oral, além de serem bolinadas durante as revistas. Para conseguir os favores, os carcereiros usam a força física, as ameaças, a concessão de privilégios — como visitas de familiares, drogas e até alimentos — ou simplesmente se aproveitam da fragilidade mental e do isolamento das mulheres.